



O relato de Hans Staden sob a ótica bakhtiniana

(Hans Staden' report from bakhtinian perspective)

Silas Gutierrez¹

¹Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP

frenazo@ig.com.br

Abstract. *Based on the Bakhtinian Circle studies and conceptions, we analyze the report of Hans Staden about his stay for nine months in the Village of Tupinambás Indians in Colonial Brazil. We discuss also the evaluative position of the speaker before his object of analysis. Finally, we demonstrate the subject introduced by historical account based on the context of the sixteenth century in Colonial Brazil.*

Keywords. *Bakhtin; Travel Report; Hans Staden.*

Resumo. *Com base nos estudos e concepções do Círculo Bakhtiniano, analisaremos o relato de Hans Staden sobre sua permanência durante nove meses na aldeia dos índios Tupinambás no período colonial brasileiro. Discutiremos a posição avaliativa do enunciador diante de seu objeto de análise. Por fim, demonstraremos o sujeito instaurado pelo relato histórico tendo como base o contexto do século XVI no Brasil Colonial.*

Palavras-chave. *Bakhtin; Relato de Viagem; Hans Staden.*

Círculo Bakhtiniano: contexto e conceitos

Tendo como base as pesquisas realizadas por Brait (2009) e Sobral (2009), analisaremos o relato de Viagem de Hans Staden na perspectiva dos membros do *Círculo bakhtiniano*.

Mikhail Bakhtin e o *Círculo* não propuseram um método ou um paradigma homogêneo para análise de textos, seus escritos compreendem uma obra de cunho filosófico, com base, principalmente, em Immanuel Kant¹ (1724-1804) e Karl Marx² (1818-1883). Os membros do

Círculo foram estudiosos de diversas áreas: jornalistas, poetas, filósofos, biólogos, todos engajados em um período político, social e artisticamente conturbado na Rússia.

A trajetória do *Círculo* abrangeu três períodos: o primeiro, caracteriza-se pela formação, em 1918, do *Círculo* em Nevel, cidade da Rússia. Brait (2009:20) explica que “os membros do grupo tinham em comum uma paixão pela filosofia e pelo debate de ideias [...] discutiam dos antigos gregos até Kant e Hegel”.

Importante observar que o ano de formação do *Círculo*, coincide com o início da Revolução Russa de 1917, com a queda, diante da pressão popular, do *Czar*; com a tomada do governo pelo partido dos *bolcheviques* liderados por Vladimir Lênin (1870-1924), com o surgimento dos *soviets* (organizações políticas representadas por categorias de operários que defendiam seus interesses) e o fim da primeira guerra mundial.

O segundo período, aproximadamente em 1920, o grupo reencontra-se em Vitebsk, cidade com intensa vida cultural. Segundo Brait (2009:21), “nesse período aconteceram menções a um livro sobre Dostoiévski, e também a produção de *Autor e Herói na Atividade Estética*, dentre outras obras”.

O terceiro período, de 1924 a 1929, aponta para o surgimento das principais obras do *Círculo*: *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (1929), atribuído à Voloshinov e *Problemas da Obra de Dostoiévski* (1929) à Bakhtin.

Este período caracteriza-se pela morte de Lênin e a sucessão por Josef Stalin (1878-1953) que permanece trinta anos como Líder Absoluto da Rússia. Nesta época, os membros do *Círculo* se voltam contra a “teoria unificadora da língua” criada para o fortalecimento da identidade nacional proposta pelo linguista, Nikolas Marr (1865-1934) e planejada para o regime *stalinista*.

O arcabouço filosófico alcançado pelo *Círculo* aponta períodos de profunda discussão sobre filósofos como Max Scheller (1874-1928), Wilhelm Dilthey (1833-1911), Martin Heidegger (1889-1976), psicólogos e sociólogos como Karl Jaspers (1883-1969) e Georg Simmel (1858-1918) respectivamente.

Essas discussões resultaram em publicações que, devido ao estado em que alguns fragmentos de texto foram encontrados, desencadearam sérias questões sobre autoria.

Estudos recentes sobre autoria dos livros *Marxismo e filosofia da linguagem e O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*, realizados por Peshkov (2000) e posteriormente Tamarchenko (2012) possibilitam, por meio de uma análise estilística comparativa, a autoria *bakhtiniana*.

O acesso aos escritos do *Círculo* pelo Ocidente não foi dado em ordem cronológica das publicações, o que de certa forma exige um estudo cuidadoso para que não haja uma apropriação indevida sobre seus estudos. Segundo Fiorin (2006:14),

[...] no Ocidente, Bakhtin começa a ser conhecido a partir de 1967, quando Julia Kristeva publica uma apresentação de suas obras sobre Dostoiévski e Rabelais, na revista *Critique: Bakhtin, o discurso, o diálogo, o romance*. Em 1968, aparece, em italiano, uma tradução das duas obras. Em 1970, ambas são publicadas em francês.

Interpretar um evento comunicativo tendo como base um estudo teórico de fundamentação filosófica possibilita avançar por vários caminhos desconhecidos que o texto percorre. Se o acesso ao mundo se dá por intermédio da linguagem e nossa realidade é construída semioticamente, logo, uma análise discursiva deverá abranger uma confluência de

valores, ideias, crenças que estão entrelaçadas numa cultura específica, mas que dialoga com outras dentro e fora de seu tempo.

A interação, nos estudos *bakhtinianos*, não se dá pelo envolvimento entre sujeitos biológicos, mas por uma ação natural de um conjunto de signos integrados que resulta na produção do sentido. A linguagem é essencialmente contextualizada, não abstrata ou subjugada, mas dialeticamente constitutiva histórica e socialmente.

Importante ressaltar que a individualidade não é descartada dos estudos *bakhtinianos*, uma vez que a “voz” (e não somente vozes) está no projeto enunciativo do locutor. Aliás, a expressão da individualidade dá-se pela organização de seu projeto enunciativo que se expressa, sempre, socialmente.

Alguns conceitos devem ficar claros para o entendimento do pensamento do *Círculo*, caso contrário, criam-se vários *Bakhtins*. Parece-nos estranho normatizar conceitos em uma esfera de estudos predominantemente reflexivos. Mas deve-se delimitar claramente sua aplicação para não incorrer em uma incoerência teórica, já que os termos discurso, enunciado, sujeito, autor têm sua coerência apenas dentro de uma dada teoria, daí o perigo da leitura desautorizada de um conjunto de obras de diferentes teóricos.

Neste artigo, abordaremos brevemente os conceitos de enunciado, sujeito e autor. Os termos enunciado e enunciação, na esteira dos estudos *bakhtinianos*, têm o mesmo conceito, não há distinção, pois ao mencionarmos o enunciado já se considera as condições pragmáticas em que é produzido. Em russo há uma mesma palavra que designa enunciado e enunciação, *vyskazyvanie*.

O enunciado está na ordem dos estudos discursivos e a frase está no linguístico estrito. Uma frase pode ser dita infinitas vezes, o enunciado apenas uma vez. Pois as condições de produção, recepção e circulação do discurso estão vinculadas a uma situação socio-histórica-ideológica específica e intransferível.

Na perspectiva *bakhtiniana*, analisamos o enunciado e não o texto que é a materialidade do discurso. A produção do enunciado é motivada por um contexto que exige uma dada produção de sentido para sua materialização.

Ao nos debruçarmos no estudo do enunciado, estendemos a outros discursos que o envolvem e o viabilizam. Neste sentido, os estudos *bakhtinianos* polemizam as questões que envolvem a produção, recepção e circulação do enunciado.

Outro conceito importante neste trabalho é a concepção de sujeito. Este não deve ser visto como um ser biológico, mas como uma consciência individual que ao usar a linguagem interage pelo social (pois, logicamente, está inserido em uma esfera de uso da linguagem). Portanto, para Bakhtin o sujeito é individual, mas também, social.

Aliás, o sujeito cria seu enunciado e, também, é instaurado por ele, quer dizer, o discurso instaura um sujeito, pois aquele só se realiza na existência deste. Como dissemos, anteriormente, a produção de sentido se dá pela interação de elementos linguísticos e não linguísticos. Importante reiterar que interação, nos estudos *bakhtinianos*, está longe do conceito de conhecimento partilhado entre locutores e muito próximo dos estudos sobre dialogismo.

É na malha do discurso que surge e se constitui o sujeito responsivo, não subjetivo ou assujeitado, um agente que constitui, na posição avaliativa situada, a unidade de produção de sentido.

O autor que não é uma pessoa física, mas uma personagem do próprio locutor, é instaurado pela própria história contada por ele mesmo. Em uma determinada posição de distanciamento, o autor discorre sobre seu objeto de análise, tratando-se de uma avaliação situada.

O objeto de análise, neste artigo, é o relato de viagem de Hans Staden. Trata-se de um documento histórico, visto aqui como signo ideológico. As palavras escolhidas na produção do discurso revelam não somente um ponto de vista particular, mas uma apropriação avaliativa de uma consciência que não interage individualmente, mas socialmente (dada que nossas escolhas são pautadas e realizadas em situações efetivas de uso).

O Relato: Concepções

A definição de relato, dada por alguns manuais³ de redação, como um texto para informar o resultado de uma dada atividade, na perspectiva *bakhtiniana*, torna-se insatisfatória.

Relatar é um ato assumido pelo locutor que narra algo para um interlocutor ausente ou, caso presente, não tenha testemunhado as observações do relator. Portanto, as circunstâncias de produção do relato conferem autoridade ao autor.

O fato relatado é um objeto de análise, portanto, um signo social revestido ideologicamente por valores, crenças e ideias inerentes ao momento social, cultural e político do ocorrido.

Portanto, o relato é uma atividade avaliativa, não apenas individual, mas inserida dialogicamente em seu tempo e cultura. O ato de relatar define, também, a posição do locutor diante de seu objeto de análise que não é imposta apenas pela sociedade, pois para os estudos *bakhtinianos*, o sujeito não é subjulgado, mas é uma consciência que se forma pelo diálogo com outras consciências dentro e fora de seu tempo.

Importante, ainda, frisar que o relato de Hans Staden publicado na cidade de Hessen em 1557 era uma estrutura composicional, não alternativa, ideal e única para discorrer sobre o fato. No século XVI, as principais formas de relato eram expressas pelo desenho e escrita, não havendo a expansão de formas atuais como filmar em micro-câmera com alta resolução, gravar as vozes digitalmente, fotografar com controle digital de distanciamento.

As formas de circulação e recepção de mensagem no século XVI centralizavam-se no poder monárquico. Portanto, as notícias não eram impressas e vinculadas por agências de imprensa oficiais e repassadas indistintamente ao povo. Ao analisarmos o contexto situacional, conclui-se que não podemos analisar o relato de Hans Staden, com parâmetros atuais, como simples estrutura composicional.

O Relato de Hans Staden

Não há bibliografia significativa sobre a vida de Hans Staden (1525-1579), sabemos apenas que nasceu em Homberg, Alemanha e era um excelente atirador. Aos 23 anos parte⁴ de Lisboa e desembarca, em 1548, no Brasil. Durante essa época, a Alemanha enfrentava a contra-reforma que caracterizava-se pela reação da igreja católica ao movimento protestante iniciado por Martin Lutero (1483-1546).

No Brasil Colônia, Duarte Coelho Pereira (1485-1554), chefe da capitania de Pernambuco, ordena um grupo de homens ao enfretamento dos índios Caetés em Igarajú. Hans Staden, reconhecido como um grande atirador, une-se aos guerreiros de Pernambuco contra os índios, vencendo-os. Após este episódio, o alemão retorna à Lisboa, permanecendo no Brasil por apenas oito meses.

O aventureiro desembarca pela segunda e última vez no Brasil em 1549. Hans Staden embarcou em Sevilla em direção à cidade de Assunção. No entanto, seu navio foi atingido próximo da atual cidade de Santa Catarina. Sozinho, o alemão se dirigiu para a cidade de São Vicente, onde então foi capturado e preso por um ano pelos índios Tupinambás, próximo da atual cidade litorânea de Ubatuba em São Paulo.

Em cativo, durante uma guerra entre os índios Tupinambás e Tupiniquins, Hans Staden foge em um navio francês. Ao retornar para Alemanha, publica seu relato intitulado: *Viagens e aventuras no Brasil* (Wahrhaftige Historia, editado em Marburg em 1557).

O relato trata, principalmente, das observações realizadas por Hans Staden sobre a aldeia dos índios Tupinambás, em sua segunda vinda ao Brasil, onde esteve preso por um ano. O alemão descreve as cerimônias festivas, inúmeros cultos que invocam a proteção dos Deuses, rituais de danças e estratégias de pesca e caça.

Além de narrar histórias sobre o cotidiano da aldeia, do modo de comer, beber e vestir, das casas e das guerras, Hans Staden ressalta, em vários trechos ao longo do relato, que os índios Tupinambás comiam os seus inimigos como forma de absorver a energia deixada por eles.

A descrição de sua experiência no Brasil Colonial foi reeditada em inúmeras línguas do continente europeu, promovendo, construindo e propagando uma opinião sobre o Brasil deste período.

Análise de dados

A obra⁵ aborda um cenário constituído acerca da flora, fauna, clima e hábitos indígenas do Brasil. A descrição da figura do índio instaura um autor próprio do século XVI, conservando a distância, acentuando a diferença entre o europeu e o índio, observando-os como experimentos, desconsiderando uma cultura própria e original, mas portadores de hábitos horrendos.

A visão dos jesuítas e colonos surge no olhar do autor-observador, que não é “a pessoa” de Hans Staden, mas “uma persona” que elabora um enunciado que dialoga com os reis, capitães, jesuítas e artistas de seu tempo.

O enunciado cria um sujeito-leitor inserido em um tempo qualquer que dialoga com o cenário indígena tendo como base seu conhecimento enraizado e compartilhado culturalmente sobre a figura do índio. Antes de interagir com o texto, o leitor já tem um conhecimento prévio, pode-se dizer, estereotipado sobre a figura indígena.

A palavra índio, antes de ser lida no texto de Hans Staden, já encontra-se entrelaçada, engessada, claramente definida socialmente. A consciência individual interage com o texto, mas o enunciado é de domínio social. Portanto, as palavras já estão, em determinados contextos, previamente determinadas semanticamente.

A posição avaliativa do autor não está apenas ancorada no Brasil Colônia do século XVI, mas contrasta e reflete o olhar do viajante alemão, cujo país não dispõe do cenário, clima e hábitos descritos.

Importante ressaltar que a posição de distanciamento do autor ao discorrer sobre seu objeto de análise não é somente temporal ou espacial. Seu olhar ideologicamente marcado reflete e refrata “posições”, delimitando seu olhar e determinando seu alcance em relação a qualquer objeto.

As condições de produção conferem, como dissemos, autoridade ao locutor que presenciou e registrou seu olhar sobre o objeto de análise.

A obra descrita é um produto sócio-histórico-ideológico, cuja representação trata-se de uma avaliação situada. Para as ideias do *Círculo Bakhtiniano*, a palavra não é apenas revestida, mas constituída ideologicamente. Logo, toda descrição materializa-se na confluência de elementos linguísticos e não linguísticos, portanto, constituída por infinitas vozes.

As condições de recepção e circulação atribuem à obra de Hans Staden grande valor. Como dissemos, o século XVI não dispunha dos aparelhos eletrônicos que registram e distribuem a informação. Portanto, os materiais encontrados ou publicados sobre esse século tornam-se importantes pelas próprias condições de produção.

Considerações finais

Ao analisarmos o relato de Hans Staden sob a *ótica bakhtiniana*, descortinam-se inúmeros textos que dialogam entre si estruturando uma compreensão textual construída nestas confluências.

O texto deixa de ser autônomo e passa a ser o resultado de vários cruzamentos, pois o enunciado é visto como resultado das condições de produção e não somente o texto-produto. Torna-se, portanto, imprescindível, pesquisar o panorama socioideológico do Brasil do século XVI.

Ademais, outras propostas pertinentes para pesquisa aparecem na obra de Hans Staden como, por exemplo, problemas de adaptação e tradução que envolvem e acarretam questões sobre a preservação da ideia principal do documento.

Notas:

¹ Destacam-se, principalmente, os debates sobre as concepções de racionalismo e empirismo.

² Discussões e controvérsias entre superestrutura e infraestrutura.

³ AQUINO, Renato. Manual de português e redação jurídica. Rio de Janeiro. Impetus, 2010.

GOULART, Ana Maria. Manual de redação. São Paulo: Planeta Internacional, 2005.

⁴ Nos documentos pesquisados não há menção sobre a causa de sua partida.

⁵ A obra analisada foi a traduzida e adaptada por Jô Oliveira intitulada *Hans Staden - um aventureiro do novo mundo*, publicada pela Editora Conrad em 2005.

Referências

BRAIT, B. Da Rússia czarista à web. In: Brait, B. *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.

SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.

PESHKOV, I V. *Freidizm: formal'nyi metod v literaturovedenii. markizm i filosofia. Iazyka*. Moscow: Labirint, 2000.

TAMARCHENKO, N. *Vvdenia v potiku voprosy literatury*. Disponível em <<http://magazines.russ.ru/volplit/2008/5>>. Acesso em 11/09/ 2012.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.